

Pobres & Nojentas



“Nojenta” é a pessoa que
questiona velhos valores, cria
o novo e persegue vida boa e
bonita para todos

Florianópolis (SC), setembro/outubro de 2007 - Ano 2 - Nº 09 R\$ 4,00

“A Beira Mar Continental vai engolir vocês”



Teologia viva
no Mont Serrat

Caminhada em defesa
dos hospitais públicos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

América Latina
com olhos de mulher

4 Teologia da Libertação
Quando a igreja é povo

7 Crônica
Justificativa

8 Saúde Pública
As cores de Iride

10 Crônica
Campo Santo

12 Mulheres de Abya Yala
Delmira Agustini

14 Moradia
Avenida rouba histórias de vida

19 As delícias de Su&li
Uma receita anti-melancolia

20 América Latina
A incrível vitória do sim

22 Feminismo
A luta por trás do véu

24 [E]terna
Ana sonha com leões

25 Leituras
Patagônia vendida

26 Pluralidades



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosangela Bion de Assis
- Sandra Werle

Jornalista:

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico:

Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Editoração e Tratamento de imagens:

Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Antônio Carlos da Silva fez a ilustração da capa

Florianópolis - SC

Discurso colocado em prática

A defesa da chamada mídia alternativa é comum no meio popular e sindical. Nesta edição de *Pobres & Nojentas*, três sindicatos colocaram esse discurso em prática através de apoios culturais. Foi a forma que a equipe da revista encontrou para ampliar a distribuição gratuita de uma parte dos exemplares em lugares onde muita gente quer a *Pobres*, mas tem dificuldade de pagar por ela.

Já vínhamos dando parte dos 500 exemplares para representantes de associações de bairro e lideranças populares, mas era difícil ampliar a iniciativa porque precisamos cobrir o custo da impressão. Agora, graças a esses três apoios culturais, será possível estender um pouco mais esse trabalho e levar o número nove da *Pobres* a um público que deseja contar suas histórias, narrar suas lutas, mas ao qual a mídia tradicional pouco dá atenção.

Um exemplo disso é a reportagem “A Beira Mar Continental vai engolir vocês”,

que começa na página central desta edição e conta a luta dos moradores da Ponta do Leal, na Capital catarinense, para ter o direito de morar. O texto, assinado por Marcela Cornelli, é um tributo ao jornalismo de qualidade. Em meio a vários outros compromissos profissionais, Marcela tirou tempo para ir ao local, ouvir as pessoas, fotografar, conversar com pesquisadores e ainda buscar a versão da prefeitura.

Por isso a importância da iniciativa da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (Apufsc), do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina (Sindprevs) e do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal de Santa Catarina (Sintrafesc), os três com sede em Florianópolis. A esses três sindicatos o nosso agradecimento.

EDITORIAL

RECADO NO BLOG



Sou acadêmica de Jornalismo e sinto falta desse jornalismo alternativo que existe, mas sobre o qual pouco se menciona. Afinal, temos que adquirir informações de todos os meios possíveis, e não só dos da grande mídia que, sempre, informa as notícias, fatos e demais programações que lhe são convenientes. Já a *Pobres & Nojentas* me cativou pelo fato de noticiar aquilo que, geralmente, não é considerado notícia, mas que é mais valioso e importante para a população ficar sabendo, principalmente a catarinense.

Samira Moratti, Cachoeiro de Itapemirim/ES

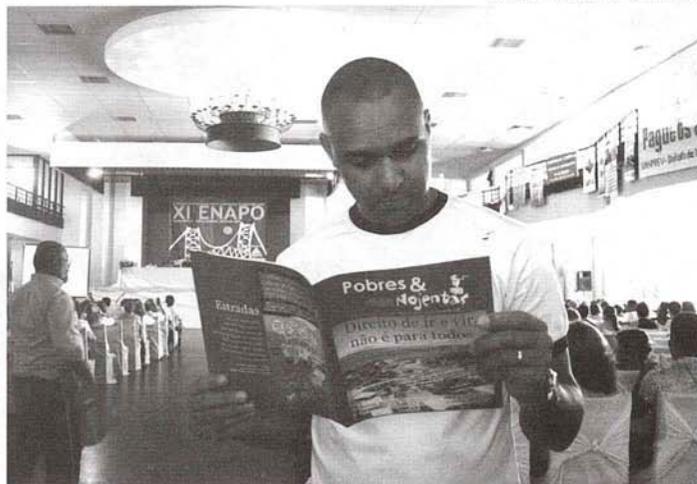


Foto: Marcela Cornelli

Sullyvan Vieira,
funcionário do Sindprevs/SC, lê *Pobres & Nojentas*

Veja o blog da revista <http://pobresenojentas.blogspot.com>

Quando a igreja é povo

Trinta anos de comunidade eclesial de base

Por Elaine Tavares, de Florianópolis



É noite no Mont Serrat, uma das mais antigas comunidades que se dependuram no Morro da Cruz, em Florianópolis. O frio de inverno em pleno outono corta a pele de quem arrisca circular pelas estreitas vias. De frente para a cidade iluminada, treze mil almas vivenciam o descanso de final de semana. Mas algumas delas, ao som do sino que toca estridente, se levantam e caminham em direção ao que consideram um alimento vital: o encontro comunitário, amoroso e rebelde. É hora da missa, da partilha, da fraterna união.

Esse é um ritual que as gentes do Mont Serrat repetem há quase 30 anos, fazendo viva a comunidade eclesial de base. Tudo começou com a chegada de um padre jovenzinho, lá da cidade de Brusque, região têxtil de Santa Catarina. Seu nome: Wilson Groh. E, desde então, aquele lugar nunca mais foi o mesmo. O padre, que vinha morar na comunidade dentro do espírito da teologia da libertação, de compromisso efetivo com os pobres, não mais saiu dali e, até hoje, completados 25 anos de sacerdócio, do alto da escadaria onde tem sua morada, enfrenta com o povo do morro todas as dores e alegrias de uma vida de luta, amparada na fé. “As CEBS vivem, e muito fortes, nas periferias deste país. Elas se redefiniram, radicalizando no sentimento de Jesus, mas avançando no urbano, criando redes de comunidades e de projetos”, diz Wilson.

Um dos moradores que viu nascer a CEB pela mão do padre Wilson é João Ferreira de Souza, o “seu Teco”, de 71 anos. Ele é um dos mais antigos moradores do morro e pode muito bem dizer das mudanças que vieram com a igreja e com Wilson. “Foi com esse trabalho que a gente começou tudo por aqui. Não tínhamos luz, nem água, nem calçamento. A gente não tinha caminho, subia as vielas com as trouxas de roupa no lombo. Aprendemos a conquistar cada coisa, na luta. Eu mesmo fiz muito mutirão. Tem pedaço meu - dos dedos, da pele - prensado nestas ruas. E tudo foi por conta da igreja. Ela é uma referência na nossa luta e para tudo que conquistamos”.

E essa igreja de que fala seu Teco é a que nasce do povo, do rosto con-

creto do oprimido e do seu desejo de libertação. É a que incorpora a espiritualidade do negro, do índio, sem impor sua fé com a única, a verdadeira. É a que transforma a comunidade em uma gente que caminha na direção daquele que é o mais excluído, no rumo da luta pela vida plena, concreta, agora e aqui. “Nós não estamos buscando igrejas cheias, como as do Movimento Carismático. Buscamos juntar as pessoas que querem verdadeiramente construir um mundo novo. Nós crescemos, evoluímos na relação com a fé, com a vida, com a política, com o movimento social. Aprendemos a ir além da militância, mantendo acesa a mística. Somos uma comunidade da acolhida, no social e no individual”.

Wilson sabe muito bem do que fala. Ao longo destes anos no Mont Serrat, a igreja de libertação enfrentou grandes desafios. O primeiro deles foi

esse entranhar-se no povo, construir a confiança. Depois, fincado firmemente no chão da vida, foi a vez de enfrentar o tráfico de drogas que viceja no morro. Muitas foram as ameaças de morte e não poucas as balas que furaram as paredes da casa paroquial. Mas, devagar, e ancorada pela comunidade, essa igreja viva, testemunhal, foi se firmando. “Nós construímos um pacto de cumplicidade - a igreja e o povo - fizemos pactos de sangue frente ao processo de violência. Perdemos muitas lideranças que tiveram de sair do morro para não morrer. Mas tudo isso foi fortalecido na eucaristia de todo o sábado. Vivemos momentos duros, mas resistimos. Só em 2003 eu fiz 80 funerais, dos nossos jovens, meninos. Foi duro, difícil, mas a gente seguiu”.

Em todo o maciço do Morro da Cruz são várias as comunidades empobrecidas pela lógica do capital,



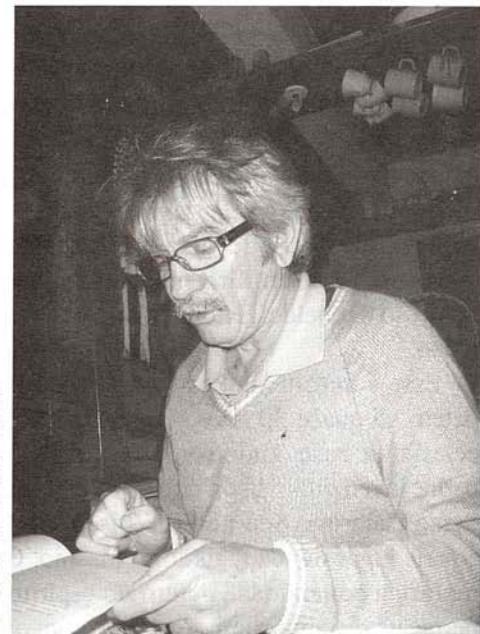
Maria: “A gente aprendeu a se valorizar.”

**“Comungar
é tornar-se
um perigo
Viemos para
incomodar
Com fé e união
nossos passos
Um dia vão
chegar”.**

numa cidade que cresce e se faz para poucos. Ali, o estado segue ausente. Não há políticas públicas. Só a polícia repressiva dá as caras. O tráfico também se moderniza, fica inteligente, ensaia novas estratégias. As gentes vivem acosadas por todo esse processo e dentro deste caldo é a fé nessa igreja libertadora que impulsiona o povo para a luta. Por isso, a missa dos sábados não é uma missa qualquer, muito menos um ritual mecânico. Nela, as pessoas se encontram, falam dos problemas da semana, dos desafios que estão sendo postos para a comunidade, das soluções coletivas que podem encontrar. O altar não é só um espaço do deus que está no céu: ele é a mesa concreta da comunidade. Um lugar onde estão juntos, deus e povo. E é dali que brotam as lutas. “Temos que ter claro o conceito de comunidade. Ela não é o morro inteiro. É um grupo que tem senso de pertencimento e que assume um projeto neste espaço”.

Maria Cardoso Varela, de 57 anos, é uma destas pessoas que assumiu o projeto de luta na comunidade. Desde quando o padre Wilson chegou ao morro ela está na caminhada. “A chegada dele foi uma bênção. Ele abriu a nossa cabeça, a gente aprendeu a se valorizar. Tomamos consciência dos nossos direitos. Se não tivesse essa igreja libertadora a gente era um povo desamparado. Quando vivemos os problemas com o tráfico, o padre estava aqui, ficou conosco e a gente não desesperou. Quem acredita, não amolece. Assim é aqui. Nosso trabalho na igreja é de semear. A gente aprende o processo de organização, de luta, depois sai por aí, ensinando os outros”.

E foi nesse caminho de ensinar que a CEB do Mont Serrat semeou projetos e propostas. Desde o final dos anos 80, as gentes do morro se envolveram nas lutas de ocupação urbana, de legalização de áreas, de construção de projetos coletivos. Tudo isso acabou gestando o Centro Cultural Escrava Anastácia - uma entidade construída principalmente por mulheres que não queriam ver seus filhos enredados pelo tráfico e pela criminalidade - que fomenta a vida plena para os jovens da comunidade. Do centro, frutificaram o Projeto Aroeira, que acolhe jovens já comprometidos com o tráfico e oferece formação profissional, a Incubadora Popular de Cooperativas, que ajuda grupos de trabalhadores a encontrar alternativas de sobrevivência, o Programa Aprendiz, que realiza parcerias com empresas para o primeiro emprego, o Programa Aventura Esportiva, que fomenta atividades de lazer aos jovens de periferia, e o Projeto Terceira Idade, que envolve a integração dos idosos.



Wilson Groh, 25 anos de sacerdócio, enfrenta com o povo do morro todas as dores e alegrias de uma vida de luta, amparada na fé.

Depois de anos de caminhada organizando a vida no Mont Serrat, as gentes do morro já entendem que podem semear em outros terrenos, por isso se espalham em novos projetos, buscando aqueles que estão mais empobrecidos que elas, para levar a palavra viva. E é nessa luta que os projetos do morro ocupam hoje um lugar que está repleto de simbolismo: o antigo prédio do Instituto Médico Legal, lá embaixo, no asfalto. No lugar que nos últimos quatro anos abrigou 840 corpos mortos de jovens das comunidades empobrecidas, vencidos pelas drogas e pelo abandono social, viceja agora a esperança. Os projetos do Centro Cultural Escrava Anastácia propõem atender mais de 850 jovens, vivos, cheios de sonhos e certos de que podem transcender a opção que o sistema capitalista lhes dá, que é a de morrer ou seguir subjugado. A igreja de libertação que nasceu e segue viva no Mont Serrat, pelas mãos do padre Wilson e de toda a gente, é a porta aberta, é o espaço de realizações concretas, é a opção da luta coletiva que move para a vida plena. Talvez seja por isso que, nas noites de sábado, quando cessam as palmas e as cantorias, é as gentes saem da pequena igreja no alto do morro, possa-se sentir o sopro do divino. Não aquele, etéreo, apenas promessa de céu, que paralisa o agora. Mas o da esperança concreta, guerreira, essa que faz caminhar e construir um hoje. Lá embaixo, a cidade brilha, e as crianças do morro vão dormir seguras de que é possível desenhar um outro futuro, coletivo e solidário. Isso é libertação!

Justificativa

Por Sandra Werle, de Florianópolis



Segunda-feira: gripe. Garganta fechada, coriza. Peito pesado, dor de cabeça e cansaço, muito cansaço.

Quarta-feira, a gripe continua. Tosse. Começo a segunda caixa de lenços. Na quinta-feira decido não ir ao trabalho. Tosse, muita tosse; e a cada tossida a dor de cabeça é maior, agulhas entrando pela direita e pela esquerda, acima dos olhos. Vou assoar o nariz na água. A cara está vermelha, a pele irritada. Cansaço.

Na sexta-feira a febre. Fico em casa de novo. Mais tosse, muita coriza e dor de cabeça.

Sábado e domingo de chá, mel, limão e cama. E o pior: só os canais da televisão aberta disponíveis! Na segunda e na terça, muita dor de cabeça. Voz de taquara rachada, riram. Coriza com sangue.

Quarta-feira o décimo dia: vou ao médico. Inspira, expira. Diga trinta e três. Encha os pulmões pela boca e assopre nesse canudo. Raio X. Você está vendo esta parte esbranquiçada nas duas faces? Inflamação. A gripe originou uma sinusite bilateral. Gostei do nome. Antibiótico, anti-inflamatório, nebulização. Vou começar hoje mesmo para fazer efeito até sexta-feira, dia da primeira aula de crônica.

Quinta-feira. Hora do antibiótico. Tosse. Hora do anti-inflamatório. Coriza e dor de cabeça. Preciso emprestar um nebulizador. Hora do antibiótico. A tosse parece mais leve, preciso fazer menos força e as agulhadas na cabeça não são mais tão cruéis. Cansaço. Hora do anti-inflamatório. Vou esperar dar 11 horas para o último antibiótico do dia. Tô muito cansada.

Duas da manhã: cólica. Cólica?! Ah, meu Deus! Fiquei menstruada!

Quatro da manhã, tosse e dor. Vou virar de barriga, às vezes ajuda. Seis da manhã e agora eu tento a posição fetal. Mais cobertas. Sete horas, hora do antibiótico. Tosse, tontura e dor de cabeça. Vou voltar a deitar rápido, senão caio.

Oito horas, hora do anti-inflamatório e a cólica não passa. Mais tosse. Pressão baixa. Não dá. Vou começar mal, mas não vou à primeira aula. Que droga de sinusite, que nhaca de menstruação! Parece que tudo está tramando contra meu desejo de voltar a escrever. Vou dormir.



As cores de Iride

Uma mensageira da comunidade no meio da praça

Por Raquel Moysés, de Florianópolis

Ninguém segura Iride quando o assunto é a saúde pública. Mulher de nome incomum, que significa “aquela que anuncia”, essa mensageira da comunidade eleva o tom da voz e fala sem medo nas ruas de Florianópolis, denunciando os governantes e parlamentares que tomam os votos do povo para depois tirar dele o pouco que ainda há de serviço público. Em agosto, durante uma passeata no centro da capital, para denunciar a ameaça de privatização do Hemosc - Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina, do Cepon - Centro de Pesquisas Oncológicas e do HU - Hospital Universitário, da UFSC, todos os três sob risco iminente de deixarem de ser 100% SUS, Iride Herta Grandó Reinaldo trouxe, para a praça do povo, toda a sua indignação contra os políticos que, elevados a postos públicos pelas mãos da comunidade, logo se esquecem das promessas feitas nas campanhas, principalmente nos palanques eletrônicos, as emissoras de televisão.

Iride, na mitologia grega, representa a personificação do arco-íris. E foi, com todas as cores da mais viva indignação, que a Iride humana expôs sua alma e seu corpo na rua. Paciente do HU, Cepon e Hemosc, a mulher clarinha, de expressão resoluta e olhar determinado, quis testemunhar a razão de tanta força quando fala da importância de manter públicas essas unidades de saúde que cuidam da vida. Com firme energia, despiu-se do gorriinho de lã e fez ver a cabeça coberta apenas de penugens, por causa das terapias que faz para tratar da enfermidade que enfrenta com coragem. O ato, com passeata e abraço no Hemosc, de que ela participou do início ao fim, mesmo com os seus quase 70 anos de idade, foi apenas uma entre outras tantas manifestações que movimentos populares e sindicais têm organizado nos últimos meses. A denúncia tem motivo, pois corre a galope, promovido pelos gover-

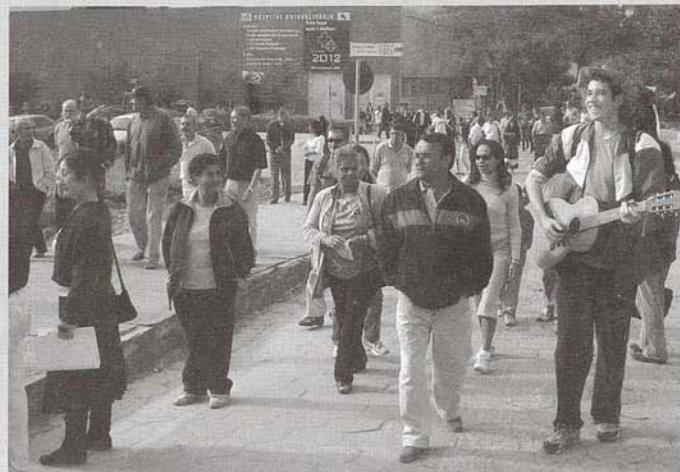
nos federal e estadual, um processo que aprofunda a transformação do Estado brasileiro em cada vez mais “mínimo” para o povo, e sempre mais “máximo” para o capital.

Está tramitando desde julho, no Congresso Nacional, um projeto de lei complementar, o PL-92/2007, que tira do povo, principalmente o mais pobre, o atendimento gratuito no HU, único hospital 100% SUS de Santa Catarina. Através desse projeto, o governo Lula propõe que os 45 HUs das universidades federais virem Fundação Estatal de Direito Privado. Em Santa Catarina, a política do governo estadual não é diferente. O Estado está passando para uma Organização Social, entidade privada, dirigida por particulares, os serviços públicos desempenhados pelo Hemosc e pelo Cepon. O modelo de contrato de gestão proposto pelo governo Luiz Henrique, como denuncia o SindSaúde/SC e o Movimento para a manutenção do serviço público de qualidade do Hemosc e Cepon, privatiza os serviços que até agora eram 100% SUS, dando autonomia à Fahece, fundação que administra as duas unidades, para usar, como bem entender, 40% do atendimento.

E para quem tinha alguma dúvida, dizia que eram infundadas as informações divulgadas pelos sindicatos sobre a ameaça de privatização dos hospitais universitários, a prova do delito governamental veio em forma de projeto de lei. O PL-92, projeto de lei complementar, foi encaminhado ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pelo ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Paulo Bernardo Silva. O ofício do ministro ao presidente é de 4 de junho, data em que os trabalhadores técnico-administrativos de 46 universidades federais de todo o Brasil estavam em greve, tendo como um dos pontos de pauta justamente a luta contra esta proposta de privatização dos HUs e outros setores do serviço público.



População vai às ruas para manter hospitais públicos



Fotos: Ricardo Casarini - Muzy

O projeto de lei não passa de uma página, mas abarca uma amplidão arrasadora de áreas públicas que vão ser engolidas pelas regras do mercado: saúde, assistência social, cultura, desporto, ciência e tecnologia, meio ambiente, comunicação social, promoção do turismo nacional e, ainda, nada menos que a “previdência complementar do servidor público”. Esse documento de poucos parágrafos escancara a intenção do governo de reduzir o serviço público, dentro de uma proposta de Estado Mínimo sempre mais diminuto.

De julho para cá, muita água tem rolado, mas o projeto segue sua tramitação no congresso, em meio a elogios do governo – que vende na mídia a idéia como a panacéia da saúde. No entanto, o Conselho Nacional de Saúde (CNS), instância deliberativa do Ministério da Saúde, com poder de veto, já deliberou contra o projeto de fundação estatal de direito privado para a gestão do Sistema Único. A Conferência Estadual de Saúde, de Santa Catarina, e várias outras no país, também estão se manifestando contrárias à proposta. Francisco Batista Júnior, presidente do CNS, afirma que o PLP- 92 é inconstitucional e não traz qualquer benefício para a gestão da saúde no país. O procurador da República no Distrito Federal, Peterson de Paula Pereira, que participou da primeira audiência pública realizada, em outubro, pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Pública para debater a proposta, esclarece que a Constituição não permite que fundações estatais criadas pelo poder público sejam regidas pelo direito privado. O projeto prevê suspender as atividades da fundação que não cumprir as metas estabelecidas no contrato de gestão, e isso, conforme diz o procurador, atenta contra o princípio da universalidade no atendimento à saúde.

A deputada Alice Portugal também critica a proposta, afir-

mando que ela traz embutida uma reforma administrativa disfarçada. O absurdo é tal, que o governo enviou ao congresso outro projeto de lei, o de número 1992/07, que institui o fundo de pensão privado do servidor público, e nele já se prevê que o fundo será administrado por uma fundação estatal, figura jurídica que sequer foi criada ainda.

Porém, contra a força bruta de governos e do mercado, aparece a força das comunidades. E o povo de Santa Catarina tem demonstrado muito zelo pelo Hemosc, pelo Cepon e pelo HU. Os mais pobres, principalmente, que sabem muito bem o que significa esperar nas filas da dor. Durante um abraço no Hospital Universitário, organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFSC, um homem pequenino, muito magro, acompanhava tudo com olhar vivo. Sem esperar ser chamado, se aproximou decidido, e logo disse: “Pra mim este hospital tem muita valia. Aqui eles atendem o pobre e o rico que está necessitado de ajuda... Mas nós, que somos pobres, precisamos demais desse HU.”

Viúvo há tanto tempo que nem se lembra mais quanto, Otávio da Silva foi operado duas vezes, nos últimos três anos, no HU. As marcas do tumor de pele estão estampadas no rosto miúdo, mas traz na voz a força misteriosa do povo que nunca desiste. Ele veio lá da comunidade Mirim, de Imbituba, de onde partira às 4h30 da madrugada, com a Topic da prefeitura.

Otávio vive da ajuda das pessoas, pois mesmo doente, não recebe auxílio-doença nem conta com a aposentadoria mínima. Vestido com calça de tergal cinza escuro e um paletó bege com as marcas do tempo, traz nos pés sapatos gastos pelo muito caminhar. Ao tomar o rumo da saída, para ir embora do hospital, deixa no ar uma promessa: “Vamos espalhar a notícia para nosso povo. Lá na comunidade, todo mundo precisa desse HU.”

Campo Santo

Por Míriam Santini de Abreu,
de Florianópolis



Ruínas de lápides, com o esverdeado do tempo já incrustado na pedra, surgem no meio da mata. Indícios do antigo cemitério de um hospital no litoral de Santa Catarina. O nome, não revelado, porque vou narrar uma breve história sobre a qual conheço apenas um fragmento.

Morava e trabalhava no hospital uma religiosa nascida em Lages, no Oeste catarinense. Região de campos, coxilhas e, hoje, poucas araucárias. Mas, naquele final do século 19, antes do ciclo de devastação do pinheiro brasileiro, havia muitas. E a religiosa – mulher serrana vivendo no litoral – pediu, antes de morrer, que, ao ser enterrada, plantassem ao lado dela a semente de uma araucária. Experimentaria a eternidade à sombra do passado de um lugar vivido.

E está lá, até hoje, o pinheiro, fundindo tronco, galhos e folhas com árvores típicas da mata atlântica litorânea. À sombra dele, alguns velhos túmulos com nomes indecifráveis.

Conto isso a propósito da inquietude que me provocam os cemitérios. Os visito aonde vou. E, porque a palavra me desagrada – prefiro até o espanhol *cementerio* – uso *campo santo*. Cemitério parece última morada de rico; campo santo, mais familiar aos cristãos, morada de pobre. Pois é certo: na morte não são todos iguais, como muitos apregoam por aí.

I

Cemitério da Recoleta, Buenos Aires. Inaugurado em 1822, hoje monumento arquitetônico visitado por milhares de pessoas todos os anos. Caminho pelas alamedas naquele estado de respeito contemplativo que os vivos assumem perante a morada dos mortos. Mármore, bronze, granito, tudo ali é matéria-prima opressiva. No túmulo da Família Duarte, onde está enterrada Eva Perón, curiosos tocam a pedra, cochicham. Ex-presidentes, escritores, militares, repousam de suas lutas em jazigos esplêndidos, que parecem pequenos apartamentos

Mais adiante, a estátua de uma mocinha esguia, de cabelos longos, tocando a cabeça de seu cão. Nos dedos repousados ao longo do corpo, alguém colocou um raminho de flores brancas. Tão comovente, aquilo, que me esqueço de espiar o nome de quem mereceu tal homenagem.

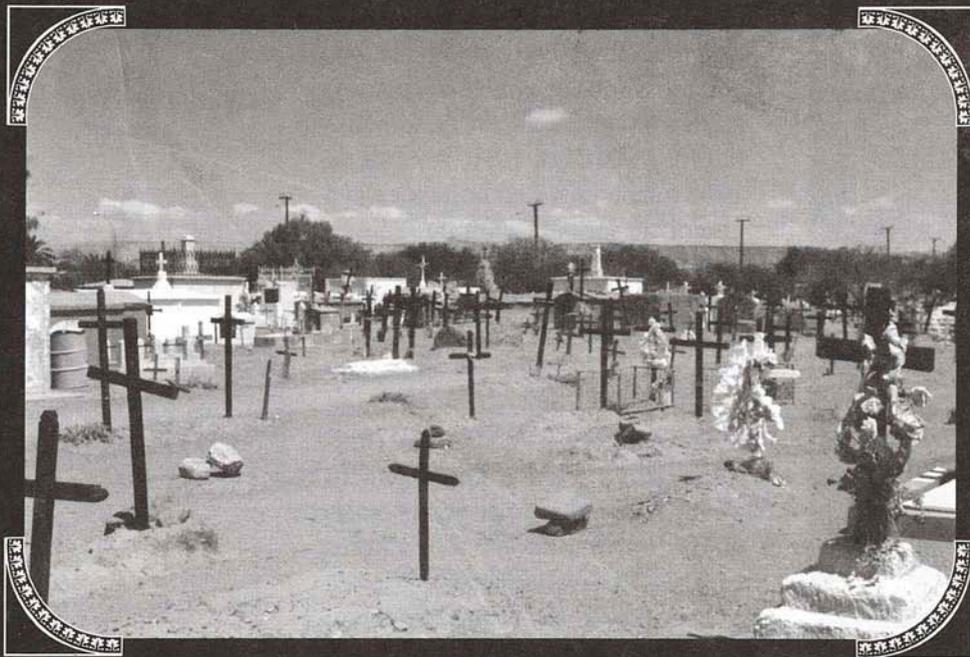
E nas esquinas daquelas ruas tumulares esgueiram-se gatos. Um deles desliza com maciez ao longo do encosto do banco onde me sento. Talvez veja o que sou incapaz de ver.

II

Campo santo de San Pedro de Atacama, no meio do majestoso deserto chileno. Jazigos de barro, cruzes toscas de madeira, algumas tortas, mal-finçadas na terra. Coroas velhas. Tudo é secura sob o sol.

III

Joinville, no norte catarinense, têm campos santos que provocam uma branda melancolia. O do Imigrante fica sobre uma colina, com sepulcros encimados por umas pesadas cruzes de metal. Foi inaugurado em 1851. Algumas ve-



lhas pedras, nas quais estão gravados nomes e datas quase apagadas, mal se sustentam. As árvores intimidam o sol, e no ar aquele odor úmido e pesado tão típico de Joinville. Mas nada ali é opressivo. Tudo parece grandioso. No distrito joinvilense de Pirabeiraba, os anjos de pedra que adornam as sepulturas são pequenos e obesos.

IV

Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas, Porto Alegre. Quando eu morava na capital gaúcha, subia, no ônibus Caldre e Fião, o trecho íngreme da avenida Oscar Pereira que contorna o cemitério. E sempre espreitava a estátua majestosa sobre o Mausoléu da Família Mathias Velho. Ali estão representados anjos que abrem o túmulo de Cristo diante de um romano estirado no chão, com os olhos retorcidos de espanto. E Aquele que se alça ao céu, os braços

musculosos graciosamente a desenhar um arco em direção ao Altíssimo - imagem capturada por algum brilhante moldador - sustenta a ponta dos pés numa base de pedra. Mas responda quem já viu, no São Miguel e Almas, isso que descrevo:

Não parece que a base de pedra nada sustenta, e sim que impede a Ascensão definitiva? Uma eterna tentativa de se Elevar, sempre malograda, até que a pedra se desfaça no Tempo.

V

Eu trouxe, do deserto de Atacama, um pequeno vaso de argila no qual o artista escavou traços de um rosto. Dia a dia, o vaso se esvai. Ao redor dele acumula-se uma finíssima poeira com uns vestígios dourados. O rosto perde o contorno. Quando sopro a poeira janela afora, penso no dia em que o vaso simplesmente desaparecerá.

Kintto Lucas, escritor e jornalista nascido no Uruguai, obteve importantíssimos galardões tais como o prêmio latino-americano de Jornalismo José Martí em 1990. A partir de 1992 fincou raízes no Equador e lá é diretor do jornal *Tintají* de Quito e professor da Universidade Andina Simón Bolívar, da capital equatoriana. Dentre sua valiosa obra literária resgatamos um trabalho que editou no sítio livre *Rebelión*, em PDF. Trata-se de *Mulheres do Século XX* (Editoras Abya Yala e Quincenário Tintají), recopilação de perfis de algumas das multidões de mulheres capazes de desafiar o sistema e seu modelo perverso, e que banharam com beleza e cultura a vida social e política do século XX.

Apresentamos um dos reconhecimentos (assim fala Kintto Lucas dos seus 41 tributos muito bem-selecionados) que entregamos em versão portuguesa para esta edição de *Pobres & Nojentas*. Trata-se do seu reconhecimento à impressionante e breve saga de Delmira Agustini, a eternamente jovem rebelde da literatura uruguaia. Por causa de Delmira e das outras, Kintto Lucas arremata no seu livro que “toda a América pode e deve ter olhos de mulher”.



Delmira Agustini

A poesia incendiando Montevideú

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

“Delmira”

Montevideú, 1914.

Fogos: As chamas surgem do seu corpo, do seu olhar, de suas mãos, do seu coração. Queima: Suas palavras são como flechas que metem-se em todos os sentidos daquele que as lê. Corpos: A loucura de duas vidas na cama, pega, contagia a pele, como contagia a imagem de seu dizer-amarsentir. Ela: Decidiu escandalizar os pecados montevidéanos do século apenas começado. Como a magia da umidade e a semente, é a arte do amor e a palavra, decidiu molhar os sulcos e queimar-se entre o aroma de seus versos: “Eros, eu quero guiar-te, pai cego/ peço às tuas mãos poderosas/ seu corpo excelso derramado em fogo/ sobre meu corpo desmaiado em rosas/ a elétrica corola que hoje desdobra/ brinda o nectário de um jardim de esposas/ para seus abutres na minha carne entrego/ todo um enxame de pombas.cor de rosa/ ... verte-me de suas veias, de sua boca/ assim deitada, sou um suco ardente/ onde pode nutrir-se a semente/ de outra estirpe sublime, louca”.

Delmira: "Seu dizer é uma poesia do corpo, mas do corpo como campo agônico do erótico", disse Idea Vilariño.

Riscos: Foi condenada pela sua poesia do corpo, pelos morais, como Alfonsina, por esse escândalo do seu dizer-fazer-pensar. Metáforas: "O sonho, o sonho fantasia, a situação indecisa entre o sonho e a vigília, desrealiza, permite um distanciamento que, somado à linguagem metafórica e ao símbolo, faz possível uma dupla postulação, lhe dá uma esplêndida liberdade", volta a dizer Idea Vilariño.

Adeus: Duro, como pedra no olhar da alma, como a alma sem olhar, como o olhar sem corpos, como corpos sem fogo e sem água, como água sem semente... Assim sem mais foi a despedida, apressada pelo gelo de um marido que decidiu frustrar a liberdade, que não quis ouvir. "... nenhuns lábios arderam/ como seu bico nas minhas mãos/ nenhuma testa tem caído/ tão lânguida no meu colo/ nenhuma carne tão viva/ hei padecido ou gozado/ serpenteiam em suas veias/ filtros duas vezes humanos/ do rubi da luxúria/ sua testa está coroada/ e vai arrastando o desejo numa cauda cor de rosa/ água lhe dou nas minhas mãos/ e ele parece beber fogo/ e eu pareço oferecer-lhe/ todo o copo do meu corpo/ e vive tanto nos meus sonhos/ e afunda tanto em minha carne/ que às vezes penso se o cisne/ com suas duas asas fugazes/ seus raros olhos humanos/ e o vermelho bico ardente/ é só um cisne em meu lado/ ou é na minha vida um amante.../ à margem do lago claro/ eu lhe interrogo em silêncio/ e o silêncio é uma rosa/ sobre seu bico de fogo/ mas em sua carne me fala/ e eu na minha carne lhe entendo/ às vezes toda sou alma e às vezes toda sou corpo".

Delmira Agustini: revolucionou o ambiente literário do Rio de la Plata nos inícios do século XX. Atualmente é considerada uma das pioneiras da poesia erótica latino-americana. Como Alfonsina Storni, sua contemporânea argentina, foi muito criticada pelas suas criações, "demasiado ousadas" para a época. Em 1914, o homem que tinha sido seu marido a citou num quarto de aluguel e lá a matou com dois tiros, depois matou-se. No dia seguinte, os jornais montevidéanos publicaram a foto do corpo nu de Delmira, caído sobre a cama. Quase ninguém censurou o marido.

Se por um lado as leis do governo de José Batlle y Ordoñez haviam produzido um avanço no Uruguai, concedendo o voto à mulher e permitindo-lhe o divórcio pela sua própria vontade, as mentes de muita gente seguiram condenando isso tudo e nunca aceitaram a liberdade de Delmira, ou de alguma outra mulher. (Kintto Lucas)



Fotos de Marcela Cornelli

Avenida rouba histórias de vida

Ponta do Leal, em Florianópolis, é o novo alvo do desenvolvimento turístico

Por Marcela Cornelli, de Florianópolis



Eles têm o mar no quintal de casa e uma das mais belas vistas de Florianópolis, com a ponte Hercílio Luz, cartão-postal da cidade, ao fundo. Mas eles não vivem em apartamentos de luxo nem têm carros importados

como os seus “vizinhos” do outro lado do mar. Até pouco tempo atrás não se ouvia falar dos moradores da Ponta do Leal, eles eram esquecidos pelo poder público. Até que a cidade precisou crescer ainda mais. Uma nova e

grande avenida de concreto vai passar ali perto e a bela vista, agora, vai encher os olhos de quem pode pagar. A exemplo da luxuosa Beira-Mar Norte, eis que surge mais uma avenida para alegrar o mercado imobiliário, os

turistas e os investidores, a Beira-Mar Continental.

Os moradores da Ponta do Leal ouviram falar pela primeira vez da obra quando alguns deles foram chamados para uma reunião na Prefeitura Municipal de Florianópolis. No dia 13 de junho de 2006, o município comunicou que eles teriam que sair de suas casas. Haveria indenização. Novas moradias seriam construídas em outros dois bairros, Monte Cristo e Jardim Atlântico, para dividir as famílias que moram na Ponta do Leal. “E agora?”, se perguntaram. Eles tiveram três dias para dar a resposta do que iriam fazer de suas vidas.

“Se organizem e lutem ou a Beira-Mar Continental vai engolir vocês”, alertou um dos moradores que participou das reuniões com a Prefeitura, João Luiz de Oliveira, o Gão, um pintor de carros que se tornou um líder comunitá-

am passar como um trator por cima da gente.”

Gão, como a maioria dos moradores, saiu do interior do Estado para procurar trabalho na Capital. Chegou em Florianópolis em 1983, vindo da cidade de Curitiba. “Não gostava de política, até descobrir que a política está em tudo à minha volta”, diz Gão.

A área, antes de ser comprada por uma empresa de combustíveis, era uma chácara que pertencia ao “Senhor Leal” – como era conhecido o dono do terreno. Daí o nome de Ponta do Leal, lugar abençoado por sua beleza e pela luta de pescadores, como o Senhor Alonso Carvalho, primeiro morador da Ponta do Leal, que chegou ali em 1963. Senhor Alonso (“por favor, usa na matéria Senhor Alonso para mostrar nosso respeito

muitos ainda pescam de forma artesanal. Segundo os moradores ali se pesca camarão, corvina, tainhota, tainha, bagre, borriquete, e, nas histórias dos pescadores, até mesmo o Mero existe na região. O Mero (*Epinephelus itajara*) é uma das maiores espécies de peixes, chegando a pesar 400 Kg, e a que corre o mais sério risco de extinção.

As casas da comunidade são, na sua maioria, de madeira e 60% são palafitas construídas ao longo de um trapiche que, antigamente, ainda quando não existiam as pontes que ligam a parte continental de Florianópolis à Ilha, servia de atracadouro dos navios da empresa Texaco, que abastecia a cidade com combustível e outros derivados do petróleo. Algumas correm o risco de desabar. Não há saneamento básico e a água e a energia elétrica não são regularizadas. Mas nem as dificuldades fazem com que as famílias, muitas ali há mais de 40 anos, queiram abandonar a comunidade, a vida que construíram, onde criaram seus filhos e fizeram amizades.

Sidnei Davi de Carvalho, pescador e mecânico, filho do Senhor Alonso, nasceu na comunidade, onde vive até hoje com a família. O pai deixou uma lição de vida para os filhos e netos. “Meu pai me ensinou a pescar, me en-

sinou a lei da sobrevivência, através do trabalho, respeito aos outros e honestidade”, diz Sidnei. “Quem vive aqui são, na maioria, famílias, todos se respeitam. Aqui está a história da minha família, da minha vida. Eu nasci aqui, meus filhos nasceram aqui. Gostaríamos de poder ficar, de não ir embora.”

Gão conta que há um pacto de ajuda mútua para não haver tráfico de drogas e nem roubos na comunidade. Um ajuda o outro e as dificuldades amenizam. “Aqui é um lugar tranquilo. Nossos filhos crescem longe da violência”, diz o presidente da Associação de Moradores.

Com organização popular, depois da criação da Associação de Moradores em 1997 – que funcionava, no início, no “Rancho do Seu Alonso” – foi possível trazer para dentro da comunidade projetos voltados para as crianças e jovens, que somam cerca de 35% das pessoas que vivem ali.

Os projetos envolvem atividades como natação, capoeira, aulas de primeiros socorros, maracatu, teatro, confecção de alfaia (tambor usado no maracatu), inglês e até mesmo aulas de direito para as crianças.

As aulas de natação acontecem na piscina da Marinha, que fica próximo à comunidade. Os filhos dos



rio e hoje é o presidente da Associação de Moradores da Ponta do Leal. “Na época eu não queria me envolver com os problemas da comunidade, só dei o alerta e achava que cada um deveria se virar por si”, conta Gão. “Aos poucos percebi que, se não uníssemos as forças, eles iri-

por ele, que era como um pai de todos aqui” – me pediram os entrevistados), natural de São Francisco do Sul, faleceu este ano, aos 62. Seus filhos e netos continuam vivendo na comunidade. A praia é banhada por águas tranquilas e abriga 75 famílias - 294 pessoas -, sendo que

sargentos e demais oficiais da Marinha fazem as aulas de natação junto com os filhos dos moradores. “Eu fui até a Marinha, falei sobre a idéia das crianças da comunidade poderem usar a piscina. Achei que eles não iriam concordar, mas eles toparam abrir o espaço para a comunidade. Foi muito importante para as nossas crianças.”

Aulas de capoeira são realizadas na academia Quilombola, também vizinha à comunidade. O maracatu é oferecido pelo grupo Arrasta Ilha, que faz oficinas itinerantes em comunidades carentes; as aulas de primeiros-socorros ficam a cargo do Corpo de Bombeiros do Estreito, bairro vizinho à Ponta do Leal. O teatro foi levado até a comunidade por alunos e professores da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e as aulas de direito para as crianças foram possíveis devido

ao trabalho voluntário de um advogado. “A realização dos projetos mostra que é possível a sociedade como um todo acolher e não excluir as pessoas que vivem em comunidades carentes. Todos ganham e crescem com isso”, afirma Gão.

Isabel Terezinha Fernandes, 35 anos,

veio de Rio do Sul aos 22 anos viver na Ponta do Leal. Hoje cuida dos seis filhos do irmão, já falecido. Isabel, que é diarista, vive com as seis crianças e a sua madrinha, Dona Zilma, 62 anos, numa das casas da comunidade. Apesar das condições de moradia precárias, Isabel afirma que gosta de viver ali, pois as crianças podem brincar à vontade e as famílias se ajudam entre si. “Eu trabalho aqui perto, não preciso gastar com ônibus, as crianças estudam aqui pertinho também. Tem o posto de saúde

do Balneário (bairro próximo), tem tudo o que precisamos. As crianças correm soltas pela praia, tomam banho de mar, são felizes aqui.”

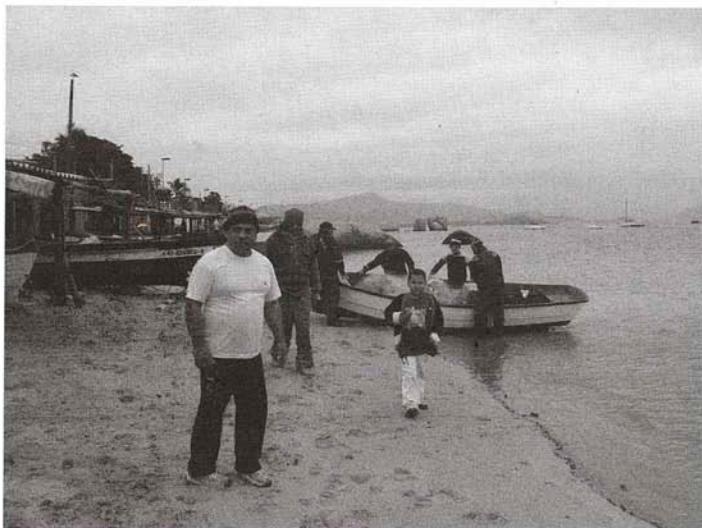
Zilma Tomás Farias, a Dona Zilma, é avó materna das crianças. Dona Zilma nasceu na Coloninha, no bairro Jardim Atlântico, e diz que para lá gostaria de voltar. Ela é viúva e com a pensão deixada pelo marido ajuda na criação dos seis netos. “No inverno é ruim morar aqui porque a maré enche e a casa fica cercada pela água do mar, e é muito frio. Já no verão é muito bom. E todo final de ano podemos ver os fogos da Beira-Mar Norte”, diz, animada.

Ivone Fernandes da Rocha, 42 anos, assim como Isabel, também veio de Rio do Sul. Chegou na Ponta do Leal em 1984, com 20 anos, com a roupa do corpo e grávida de gêmeos, uma menina e um menino. “Perdemos tudo em Rio do Sul após a enchente e

eu e meu marido viemos tentar a vida aqui.” O marido é pintor de casas e Ivone trabalha como faxineira e é tesoureira da Associação de Moradores. “Conheci o Gão e aos poucos fui me envolvendo com os problemas da comunidade, participando das discussões com a Prefeitura. Hoje todos nos procuram para resolver seus problemas, desde problemas particulares, até para saber mais sobre seus direitos”, conta Ivone.

Gão lembra que ia a pé para a Ilha atravessando a ponte Colombo Salles para participar das audiências na Prefeitura, pois não tinha dinheiro para o ônibus e nem para comer.

Hoje ele e Ivone são referências para todos os moradores e, no que depender destes líderes comunitários, os direitos das famílias da Ponta do Leal serão respeitados.



Sidnei (E), filho do primeiro morador, as crianças da comunidade e Gão (D). Para eles o sossego da vida na Ponta do Leal não tem preço.

A retirada dos moradores será feita com verba do Governo Federal, através do programa para erradicação de palafitas, do Ministério das Cidades, e da Prefeitura de Florianópolis. “As famílias serão divididas da seguinte forma: 18 casas serão construídas no bairro Monte Cristo e 72 apartamentos no Jardim Atlântico. Para as famílias de sete ou mais pessoas os apartamentos serão de três quartos. A Caixa Econômica Federal fará o repasse das verbas”, explica o secretário municipal de Habitação e Saneamento Ambiental, Átila Rocha dos Santos.

Os moradores vão pagar uma taxa de luz e água para famílias de baixa renda, e pagarão para a Caixa, pela nova moradia, prestações no valor, em média, de R\$ 30,00 a R\$ 40,00. Os apartamentos devem ter em média 36 metros quadrados e começa-

rão a ser construídos ainda em outubro. A Prefeitura ofereceu indenizações de mil a cinco mil reais pelas casas. Somente dois moradores aceitaram vender as moradias. Através da resistência, organização e luta da comunidade para não ser “engolida” pela Beira-Mar Continental, os moradores conseguiram negociar com a Prefeitura, segundo Gão, a construção de apartamentos de três quartos para as famílias maiores e também a construção de dois centros comunitários – um no Monte Cristo e outro no Jardim Atlântico - para atender à comunidade. “O que queremos é ser ouvidos, é respeito, construímos aqui na Ponta do Leal mais do que nossas moradias. Construímos aqui uma história de vida”, diz o líder comunitário.

A Prefeitura alega que a retirada das famílias da Ponta do Leal não tem nada a ver com a construção da Beira-Mar Continental. Se-

gundo Átila Rocha dos Santos, o que motivou a retirada das famílias foi uma ação civil-pública do Ministério Público Federal, determinando a saída das famílias porque a área é da Marinha e o terreno pertence à União. Além disso, a área é de preservação permanente. “Não foi a Beira-Mar Continental e nem outro projeto que motivou a ação da Prefeitura”, justifica o secretário. A dúvida das famílias é: se tivessem dinheiro, seriam retiradas do local?

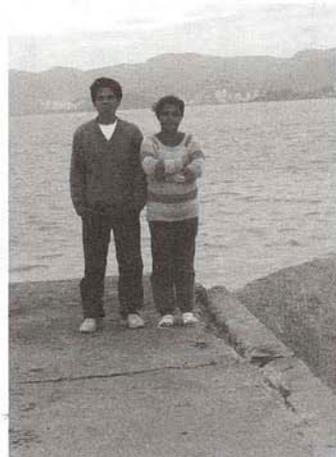
Para o professor de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, Lino Peres, a proposta da Prefeitura ficou aquém do que as famílias da Ponta do Leal necessitam. “Os apartamentos com média de 36 metros quadrados são pequenos para acomodar as famílias. Eu acompanhei desde o início as negociações com a Prefeitura e nossa proposta era que as famílias não fossem divididas em dois bair-

ros, que fossem deslocadas para um local próximo da comunidade, e que as novas moradias tivessem todas as condições para abrigar com dignidade os moradores”, afirma o professor Peres. Originalmente, defendia-se que a comunidade permanecesse na área, relocando-a para o terreno vizinho da Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), e mantendo, também, o local de trabalho de parte da comunidade, formada por pescadores. Mas, com a construção da Beira-Mar Continental, ficou muito difícil manter essa posição. O professor reforça ainda que ficam pendentes a situação dos barracos e a atividade de pesca dos moradores que são pescadores. “Há enorme risco de eles perderem essa fonte de subsistência, caso a comunidade não se mantenha firme nas negociações.”

Ainda na opinião do professor, as famílias tiveram



David, filho de Sidnei e neto do Senhor Alonso, mostra com orgulho o barco do avô.



Isabel (de mãos no bolso) no trapiche que serve de sustentação para as palafitas.



As dificuldades não abalam a força das mulheres da comunidade.

pouco poder de decisão e participação no processo. “A Lei 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade, garante no artigo 2º, parágrafo II, ‘gestão democrática por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano’, o que não aconteceu de forma ampla, com mais poder de decisão dado à comunidade”, diz o professor. “Agora inicia uma segunda etapa, a da construção dos apartamentos. Espero que a comunidade possa acompanhar esse processo e ver como serão investidos os recursos.”

Lino vai além e faz uma crítica ao Governo Federal. “Sempre questionamos o tamanho das moradias do programa Habitar Brasil e Habitar Brasil/BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), desde a época de Fernando Henrique Cardoso; porém, no governo atual, apesar dos avanços na preocupação de se ter um sistema nacional de habitação e se aumentar significativamente e de forma sem precedentes os recursos para a habitação e saneamento, ainda não foram repensadas moradias de acordo com as necessidades urbanas e arquitetônicas dos moradores. As moradias não atendem as necessidades das famílias atingidas pelo programa. Já tive-

mos exemplo disso em outros bairros da Capital, como as casas construídas no bairro Monte Cristo pela administração municipal anterior. O problema se repete agora com a comunidade da Ponta do Leal”, reforça o professor.

Há boatos, não confirmados pela Prefeitura, de que as famílias seriam retiradas do local para que lá fosse construído um atracadouro para navios de luxo e um complexo turístico. “Não existe projeto oficial da prefeitura para o local. O que existe é um desenho para a construção de uma marina, que nem sei quem foi que fez”, afirma o secretário municipal de Habitação e Saneamento Ambiental.



**O tempo
mostrará se
a vida que pulsa
e resiste na
Ponta do Leal
vale mais ou
menos que o
desenvolvimento
turístico da
região.**

“Todo final de ano podemos ver os fogos da Beira-Mar Norte”, diz Dona Zilma.



as delícias de Su & Li



Uma coluna culinária com o carinho da vovó, a dedicação da mamãe e o tempero da mocinha...

Uma receita anti-melancolia

“Minha relação com as sopas é mais que gastronômica: é uma relação de ternura. Elas me reconduzem à cozinha de minha casa de menino, ao fogão de lenha, às tardes de inverno. A janta (janta, mesmo; jantar é coisa de rico) era servida às 5 da tarde. Ah! Uma sopa quente que se toma numa tarde fria é uma lareira que se acende no estômago. O calor, aos poucos, se espalha pelo corpo.” (Rubem Alves)

Como a Rubem Alves, fazer sopa causa-me um grande prazer. Nada de grandes especialidades, nem receitas elaboradas, mas sim a boa e velha sopa, com o último tomate da bandeja de baixo da geladeira, a asinha de frango desprezada na hora de preparar o assado... Conheço muitas receitas de sopa, não as pratico sempre na íntegra: um ingrediente substituído aqui, um alho poró acrescentado de última hora; qualquer improvisado acaba se tornando o tempero secreto que todos querem descobrir.

Não conheci ainda alguém que num dia de inverno, depois de intenso trabalho, chegasse em casa e conseguisse recusar um prato de sopa, daquela que já espalha seu cheiro suave pela casa, uma sensação de calor em volta da panela, acompanhada, talvez, por uma taça de bom vinho.

Preparar uma sopa é fazer um carinho. Em alguns casos, oferecer conforto, recarregar as baterias de alguém cansado. Em casos especiais, sugiro uma boa seleção de ingredientes simples, que podem ocasionar o prolongamento do calor, passando do estômago para o resto do corpo...

A sopa de aipim é forte, encorpada, sem dúvida um antídoto contra a depressão. Escolhi essa entre as minhas preferidas. Ainda lembrando Alves: *“Quando a sopa quente, cheirosa, colorida e apimentada, bate no estômago, a tristeza se vai e a alegria volta. Não há melancolia que resista à magia de um prato de sopa...”*

Sopa de aipim

INGREDIENTES:

1kg de aipim descascado e cortado em pedaços pequenos
1kg de carne com osso
100g de bacon picado
1 cebola picada
½ cabeça de alho
salsa e cebolinha a gosto
sal a gosto
2 pitadas de pimenta-do-reino moída

MODO DE PREPARAR:

Coloque a carne com osso para cozinhar em panela de pressão, já com o sal e a pimenta-do-reino. Depois de cozinhar por uns 5 minutos, deixe esfriar por umas duas horas (também pode ser feito no dia anterior e deixado na geladeira). Retire a gordura que se acumula em cima da água.

Em seguida, coloque o aipim junto com a carne e a água e feche novamente a panela, para ferver por 15 minutos.

Numa frigideira, doure o bacon picado. Acrescente a cebola e o alho picados e refogue mais um pouco.

Ao terminar a fervura, pegue um socador de feijão e amasse parte dos pedaços de aipim. Em seguida, ligue em fogo baixo, acrescente os ingredientes que foram refogados na frigideira e, pouco antes de desligar, jogue a salsa e cebolinha picados.

Sirva quente e, se preferir, com queijo ralado para colocar sobre a sopa, já no prato.

“Se Deus me dissesse para escolher a comida que eu iria comer no céu, por toda a eternidade, eu não teria um segundo de hesitação: escolheria sopa. Camarão, picanha maturada, salmão à Dali, os pratos mais refinados: tudo me seria insuportável após umas poucas repetições. Mas não é assim com as sopas. Posso tomar sopa por toda a eternidade, sem me cansar.”

(Rubem Alves)

AMÉRICA LATINA

A incrível vitória

Chantagens e terrorismo foram as armas principais para

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Poderia ser o roteiro de uma novela, um folhetim, destes bem dramáticos que inundam as telas das televisões em toda a América Latina. Senhores feudais usando toda a sua força de coerção, o grande patrão geral fazendo chantagem, o uso da poderosa arma do medo e toda a sorte de intrigas e armações. Assim foi o referendo acontecido na Costa Rica, no dia 9 de outubro, que daria a resposta popular sobre se o país deveria ou não implementar o Tratado de Livre Comércio com os Estados

Unidos, eterno vampiro a sugar as riquezas nacionais. O chamado TLC é a versão mais simples da ALCA, proposta que o país de George Bush queria empurrar goela abaixo em todos os países da América Latina. Como houve uma gritaria geral dos povos, manifestos, protestos de toda a ordem, os EUA mudaram a tática e iniciaram a construção de acordos bilaterais, os TLCs.

Praticamente todos os países do Caribe já fecharam os acordos de

livre comércio, mas, na Costa Rica, a mobilização foi tão intensa que a população exigiu um plebiscito no qual pudesse se expressar. Por longos meses, o movimento social da Costa Rica conseguiu organizar uma imensa rede de defensores do “não”. Comitês patrióticos foram criados em cada cantinho recôndito do país. É, porque as gentes costarriquenses sabiam muito bem, tal qual já anunciara José Martí, que “união econômica é união política. O povo que compra, manda e o povo que vende, serve”. Por isso e por saber que os Estados Unidos nunca foram um parceiro, e sim um carrasco, é que o povo se organizou e construiu a possibilidade do referendo. Um ato inédito nesta “nuestra América”. Um momento histórico,



2006 © Filipe Oliveira

do sim

aprovar Tratado de Livre Comércio

porque caso vencesse o não, abriria uma brecha para lutas semelhantes nos outros países, colocando por terra os planos de Bush. Todas as pesquisas davam como certa a vitória do “não”, tendo chegado, nos últimos dias, a encantar quase 60% do eleitorado.

Pois, feita a votação e iniciado o escrutínio dos votos, veio a surpresa. O “sim” era vencedor. Já na manhã da segunda-feira seguinte à consulta, o jornal estadunidense *Washington Post* estampava na sua primeira página: Chávez é derrotado na Costa Rica. A alusão ao governante venezuelano se dava por conta de que ele vem tentando implantar uma outra integração, a Alternativa Bolivariana para as Américas. Que é generosa, que não é predadora, que respeita a autonomia dos povos. Pois este era verdadeiramente o embate que estava sendo travado na Costa Rica, ALBA contra ALCA, esta última, a proposta de uma nova colonização a ser feita pelos Estados Unidos.

Na semana da votação, o poder do império já se fez sentir. Os meios de comunicação anunciavam à exaustão que se não fosse referendado o TLC, os Estados Unidos iriam retirar todos os investimentos do país, o desemprego aumentaria assustadoramente, a violência cresceria. Foi instalado o clima de

terror. O presidente da república, Oscar Arias, falava à nação, o embaixador dos Estados Unidos também e até o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, que deveria apenas fiscalizar o processo, deu declarações a favor do sim. Ou seja, todas as figuras nefastas, os cães de guarda do império, foram para as ruas praticar a velha e suja coerção.

O resultado (51% para o sim e 48% para o não) dividiu o país e criou uma fissura que só tende a se ampliar. Ninguém sabe ainda se houve fraude ou se o parte do povo se amedrontou, afinal, o poder do terror não pode nem deve ser subestimado. O certo é que no dia seguinte, os serviços do governo estadunidense já estavam negociando a pátria. Estes três por cento que derrotaram o povo organizado vão cobrar a fraude que, se não foi nas urnas, efetivamente, foi política, como denunciam os movimentos sociais. Ou, afinal, como poderia ser chamado o uso indiscriminado da máquina pública, a danosa parceria dos meios de comunicação e a bem-orquestrada campanha estadunidense, com toda sorte de embustes e jogos?

Assim, com a boca arreganhada, o TLC já começou a andar na Costa Rica. Muito em breve as gentes vão ver acontecer tudo aquilo que seus

governantes disseram que aconteceria se ganhasse o não. Aumento da pobreza, desemprego, violência e todas as mazelas que o sistema predador estadunidense traz para os países onde finca as garras. O que a elite entreguista da Costa Rica não sabe é que aqueles 48% (coisa que não é pouca) não ficarão parados. As gentes lutarão! Há de chegar o dia em que a roda da vida vai girar. Foi só uma batalha, uma das tantas que ainda necessitarão ser travadas contra o capital. Fica a lição. O poder da água ainda é grande.

Por outro lado, na mesma semana, nasce finalmente o Banco do Sul, proposta integradora da Alternativa Bolivariana para as Américas. Tremem os criadores do FMI, Banco Mundial e toda a rede de predadores da América Latina. Um banco de desenvolvimento, de fomento, que deve trabalhar numa outra lógica, não de dominação, mas de efetiva parceria. Não é à toa que Washington joga todas as suas fichas contra a figura de Hugo Chávez. Então, em meio à tristeza da derrota na Costa Rica, me vêm de novo as palavras de Martí: “Os homens estão sempre caindo, é verdade, mas quando vêm um que anda firme, por conta da vergonha, todos saem andando!”... Andemos, pois.

A luta por trás do véu

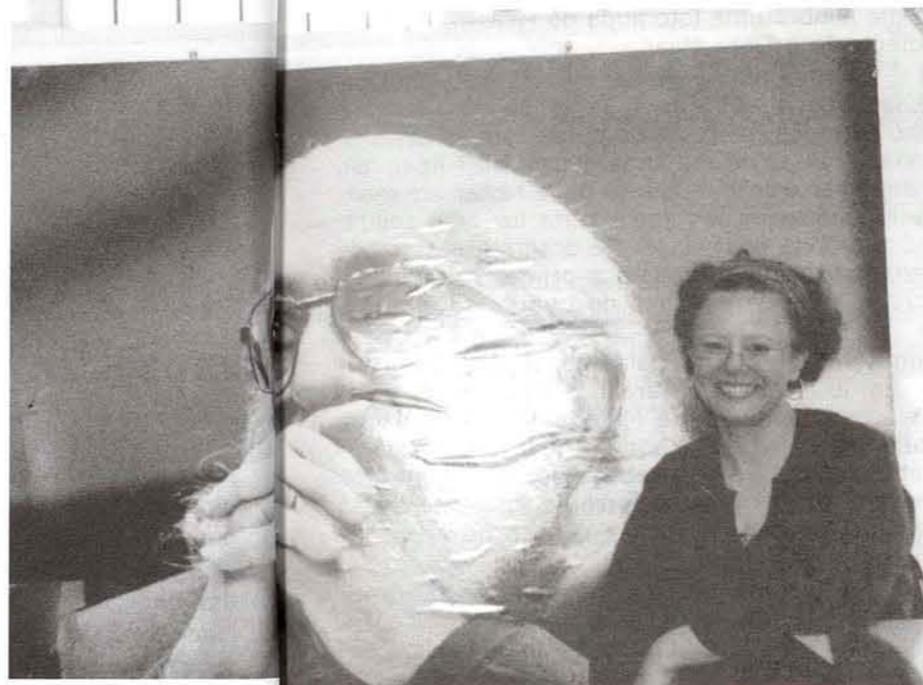
Quando uma mulher assume sua mulheridade

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Catarina andou dias e dias em busca de um véu. Tinha que ser perfeito. Era um desses véus árabes, feitos para encantar. E tudo o que ela queria era isso: encantar aquele que lhe arrebatara o coração. Num átimo, entregar a ele toda a sua ternura de mulher. Achado o véu, ela tomou um banho, se perfumou e o colocou. Feito isso, bateu um retrato de si mesma. A foto atravessou o mar e chegou lá longe, em algum lugar no oriente, onde um homem, embevecido, sorriu e abençoou a vida.

Se as pessoas tivessem rótulos, essa mulher única, Catarina Gewehr, certamente poderia se enquadrar no de “mulher-de-luta”, dessas que têm no corpo e na alma as marcas de quem sempre esteve na linha de frente das movimentações populares. É capaz de percorrer a América Latina, sozinha, farejando a vida que se expressa nas ruas, nos movimentos de trabalhadores, nas manifestações de desempregados, e se lambuzar dela, sem medo. Já caminhou com o MST, ocupou terrenos urbanos e derrubou presidente. Formou-se psicóloga e ajudou um bocado de gente a sair do fundo do poço. Hoje é educadora e sua presença gigante se destaca na sala de aula, nas lutas por uma universidade pública e na briga por vida digna.

Mas essa guerreira, uma mulher bonita de 1,75m, não é um tanque de guerra. Com o mesmo ardor com que se compromete nas lutas, ela ama. E com a mesma determinação com que enfrenta os adversários, não mede esforços para arrancar um sorriso do homem a quem decidiu querer. Ela tem a força de Ísis, o poder de Iemanjá, da mãe-original. Sentada na sala do apartamento onde mora em Blumenau, fala do feminismo e do feminino, enquanto observa as roupas que acabou de lavar, que estão balançando na varanda. “Gosto de lavar e ficar assim, quieta, olhando os panos nesse bailado. É como se nesse instante, também batesse minhas idéias para tomar sol”. Catarina não consegue dissociar feminismo de feminino e, para ela, não há



sentido em fazer guerra ao macho. “Nós somos uma única raça, humana, temos nossas especificidades, mas isso não significa que tenhamos que ficar iguais para poder conviver. Pelo contrário. Temos que valorizar a nossa diferença”. Ela não vê problema nenhum em ser uma militante política, ativa e feroz, e ao mesmo tempo ser capaz de desfalecer diante do olhar de seu homem. “Eu não quero fazer parte desse feminismo que faz do homem um inimigo. Eu quero é ser mulher, em toda a minha inteireza e partilhar com o homem tudo o que há de bom em nós. A vida, a luta, o amor”.

Catarina sabe que hoje o feminismo está diluído num conceito muito amplo que es-

teriliza o discurso. Fala-se em “questões de gênero”, o que para as mulheres mais radicais, nada mais é do que o beijo na ordem. Ou seja, é, no dizer de Francesca Gargallo “uma monótona e repetitiva, ainda que aparentemente variada, combinação de partes reunidas para subordinar o sexo feminino e explorá-lo econômica, política e religiosamente”. Francesca é uma feminista latino-americana que decidiu discutir esta temática a partir do seu território. Então, ela fala desde a América Latina e faz uma crítica pesada às mulheres que se renderam ao “gênero”, sendo generosamente financiadas por organismos internacionais, que nada mais são do que a própria ordem patriarcal que essas mulheres dizem combater.

No livro **As idéias feministas latino-americanas**, Francesca reflete por que o feminismo deixou de buscar suas próprias práticas e aceitou acriticamente a categoria de gênero. Ela entende que as políticas de gênero não têm autonomia e ficaram perdidas na história, uma vez que dependem economicamente das instituições internacionais. “O saber produzido pelo gênero não é próprio de si. Ele coloniza o espaço do pensamento de outras culturas”. Ela acredita que o conceito de gênero, sistema binário que contrapõe o caos aos cosmos, desqualifica aquelas que insistem na análise da política das mulheres em relação a elas mesmas e o que uma cultura de mulheres pode instalar no mundo. Denuncia que houve uma profissionalização de mulheres que lidam com gênero e procuram mediatizar as demandas femininas. “Elas viram especialistas em mulheres junto a organizações políticas de cunho masculino, nacionais e internacionais. Não dialogam com as mulheres nem pensam em uma mudança epistemo-cultural feminina. São agentes da globalização, um sistema de transculturalização que faz apologia das diferenças, mas só até que elas não ponham em risco o sistema”.

Catarina compartilha desse pensar e na sua radicalidade de mulher que pensa,

ela sente que este novo milênio da era cristã talvez precise de um outro conceito, que dê conta de toda a complexidade do que é ser mulher no mundo ainda dominado por uma visão patriarcal, mas cheio de brechas por onde elas se esgueiram até que rompem, com estrondo ou no silêncio, de acordo com o ritmo e o perfil de cada uma. **Mulheres cheias de mulheridade**, que têm a clara consciência de que são diferentes porque são XX, mas que são também iguais no direito de construir a nova sociedade. Enfim, são o que os orientais, mais sábios, já sabiam desde há milênios: o Yin e o Yang, a sombra e a luz, a unidade humana. Talvez por isso, aquele homem lá na Líbia, quando viu a foto de Catarina, feita especialmente para encantá-lo, tenha compreendido. Oriental, vendo o mundo sob outro olhar, ele se derreteu e amou-a ainda mais. Pois esse oceânico sentimento que sobrevive à distância, que faz com ela se prepare para seu homem, em nada diminui a capacidade desta mulher, única, que percorre as estradas secundárias com sua força de deusa e, poderosa, ainda encontra tempo para compartilhar amor. **Mulher cheia de mulheridade. Mulher!**



Ana sonha com leões

Por Fernando José Karl, de Curitiba

Fernando José Karl nasceu em Joinville, Santa Catarina, em 1961. Foi editor-assistente do jornal de cultura *Nicolau*, de 1989 a 1993, e também editor do *Anexo*, em *A Notícia*, de 1994 a 1998. Entre suas obras estão *Travessieiro de Pedra* (poesia), *Brisa em Bizâncio* (poesia), *A senhora do gelo* (novela) e *As atividades da noiva sopram os pingos dos ís* (contos). A novela *A senhora do Gelo* pode ser lida em http://www.germinaliteratura.com.br/booksonline_karl1.htm

Ana sempre me lembra uma foto linda do Picasso, na praia de Málaga, protegendo a Dora Maar.

Absorta em si mesma, intacta planta viva n'água, Ana Castro de Jesus Leão Beeck — 95 anos — sonha com leões e percorre o sonho mau dos mortos e os puxa, com os cabelos, por cima de ondas grossas de sal. Uma deusa Ana? Apaguem seu nome, a pele, a respiração e dela só pode restar um mantra que emana um selvagem perfume e certa luz que, segundo Matisse, já é a própria eternidade. Se deseja grafismos de oleandros e sargaços, também deseja a primeira respiração da sereia branca e aguarda embaixo do guarda-sol o sopro do paraíso.

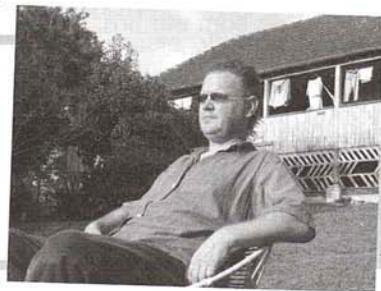
Ana duramente verte algumas palavras, para sempre tendo o corpo com asas acima do areal, e dá rasantes pelas quinas dos terraços suspensos de Málaga. Ana aceita que Picasso a proteja, na praia, com aquele guarda-sol. Com o desconcerto habitual, Ana vê sua cabeça ser arrancada dos ombros pelo vento e passar rente à torre da igreja de Nossa Senhora da Graça, por baixo do céu a cabeça de Ana e as nuvens entre as nuvens.

Aqui, na paia de Málaga ou dos Paulas, na ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina, em estado de óbvia distração, Picasso contempla puramente os objetos: samambaias, conchas, coqueiros. Os dois entram no casarão plantado rente às águas. Ana abandona-se num dos recantos do hall desta edificação à beira-mar e sabe que, soprada além das vãs águas molhadas, há ondas, ondas, ondas. Ela pronuncia a linha de frase: "Meus olhos vão ver o paraíso, sim, mas serão olhos apodrecidos".

Na cozinha ou deitada no quarto, recolhida de uma pronúncia de brisa inacabada, Ana, que nasceu na pequena cidade de Redenção, Ceará, no Anno da Graça de 1911, espia pela grande janela a luz que irradia sons de ouro — enquanto jasmineiros fervem no quintal — a luz adormece para sempre no ondular vazio de longas folhas das bananeiras.

No piso de uma das salas do casarão há um livro. À página 61 podemos ler: "Encosto o raio no tímpano e o cântico opressivo se desvanece".

Dentro das águas fundas do mar, na noite inumerável de estrelas, ou agora singrando com a barca o rio azul de Sabalquivir, Ana e Picasso já sabem que a pedra é uma fonte de água viva e que a siringa é água tremente pela passagem dos peixes. A tempestade nunca fere esse ponto de orvalho. Nem chifres de rinoceronte machucam esse ponto nem o mal fere a chama de Ana sentada à escrivaninha. Silenciosa e indiferente, ela cobre o rosto com véu de estrelas e, com ele, adoça a língua e o chá.



Patagônia vendida

Por Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

Tempos atrás falava-se, quase com reverência, em “últimas áreas virgens”, “áreas intocadas pelo homem”, “paraísos desabitados”, na linha do “mito moderno da natureza intocada”, título de um livro do cientista social Antonio Diegues. Os cidadãos em geral não abrem mão dos benefícios da tecnologia, mas também acalentam o sonho imemorial da vida longe das pressões e exigências da civilização.

Sobre isso o geógrafo Milton Santos faz uma reflexão instigante: ele diz que paradoxalmente é o movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, ao dar a ela um valor. E digo: o valor de preservar. Isso porque o mais inóspito rincão da Amazônia, supostamente intocado, pode ser alvo de um projeto de preservação pensado fora dele, como, por exemplo, nos escritórios de uma empresa de São Paulo. E para tal projeto podem ser canalizados alguns milhões em recursos. A natureza é transformada em objeto a partir de um conjunto de intenções sociais.

Tal reflexão enriquece a leitura do livro “Patagônia Vendida: los nuevos dueños de la tierra”, do jornalista argentino Gonzalo Sánchez (Marea Editorial, 2006, 280 páginas). O jornalista revela como figuras conhecidas no mundo dos negócios, como Ted Turner, Joseph Lewis e os Benetton, donos da conhecida marca italiana de roupas, compram milhares de hectares na Patagônia para lucrar com empreendimentos agropecuários e turísticos, além de se apropriarem de paisagens – devidamente cercadas – e de reservas estratégicas de água e ter-

ra. Tudo respaldado pelo poder público e sob a chancela do discurso da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável.

Na Patagônia argentina, tal como na Ilha da Magia brasileira, Florianópolis, políticos de diferentes instâncias de poder mudam a legislação conforme o maestro que toca a música. Basta modificar o artigo de um decreto ali, parte do texto de uma resolução aqui, e o valor da terra cai ou sobe de acordo com a conveniência. No caminho, amassados pela burocracia e pela vista grossa de autoridades, ficam os interesses dos indígenas, das populações pobres, de gente que viu bisavô, avô e pai crescerem num determinado lugar, mas que precisa sair dele por força de leis oportunistas.

Sánchez fez um trabalho primoroso de investigação, que se desdobra ao longo de quatro capítulos que contam a história pessoal de cada ricoço e a forma pela qual cada um deles fincou bandeira e milhões “ao sul do Sul, onde termina o mundo e começa o paraíso”. Todos têm discursos prontos para justificar os próprios interesses. É ilustrativo o caso da família Benetton, que, para evitar desgastes à própria imagem depois de disputa por terras com uma família de mapuches argentinos, recebeu-os em Roma graças a uma desastrada interferência de Adolfo Pérez Esquivel, agraciado com o Prêmio Nobel da Paz. Foi apenas um circo montado que acendeu holofotes para iluminar a benevolência da empresa.

Os novos donos da Patagônia usam estratégias parecidas com aque-

las usadas por donos de outros ditos paraísos: compram as terras a bom preço, contratam mão-de-obra local, reformam a escola, doam veículos e outros espelinhos tecnológicos para a comunidade e logo parecem a solução para todos os problemas não-resolvidos há décadas pelas autoridades. Enredo irritantemente banal, mas que amacia a imagem dos ricos.

E, como em todo o enredo sobre a dita preservação da natureza, neste há Douglas Tompkins, um dos gurus da chamada Ecologia Profunda, milionário convertido em ambientalista. Ele faz suas pregações acomodado em uma estância encravada na Patagônia, onde possui 900.000 hectares de terras na parte chilena e argentina. E porque faz o que faz? – questiona o jornalista. E Tompkins responde: no capitalismo, onde a maioria perde, ele ganhou, e precisa devolver ao mundo o que o mundo deu a ele. Para isso elegeu a “conservação da biodiversidade”. E arremata: “Y sinceramente me da más placer donar la plata que ganarla”. E assim caminha a Patagônia, revela o livro: um bairro privado, destino turístico cada vez mais exclusivo, enorme depósito de riquezas e belezas naturais disponível para quem pode pagar.



PIORES e MELHORES momentos de Pobres & Nojentas!

- ♦ Estressada numa das infundáveis trocas de ônibus no transporte coletivo de Florianópolis, senta num banco danificado e quase cai no piso do “latão”. Indignada, joga metade da poltrona para fora da janela. Ninguém se atreve a contestar o gesto.
- ♦ Faz empréstimo para construir um puxadinho atrás de casa. Descobre que o pedreiro calculou mal a quantidade de material para construir a obra. Impossibilitada de contrair mais um empréstimo, decide: vai fazer meio puxadinho.
- ♦ Guarda um dinheirinho suado para ver o bailarino russo Mikhail Baryshnikov no Festival de Dança de Joinville. Depois da apresentação, vai comemorar em um bar de comida espanhola com um coquetel “Nuvem Azul”.



Sugestões de P&N

www.alquimidia.org/desacato/

www.revistazunai.com.br

www.cartunistasolda.blogspot.com/

APOIO CULTURAL

APUFSC - Associação dos Professores da UFSC.
www.apufsc.ufsc.br

SINDPREVS/SC - Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina.
www.sindprevs-sc.org.br

SINTRAFESC – Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal de Santa Catarina.
www.sintrafesc.org.br



Catatau, o cão revolucionário

Pobres & Nojentas revela com exclusividade a foto do cão mais “pobre e nojento” da América Latina, Catatau. Tanto a história quanto o trabalho artístico sobre esse peludo personagem das lutas de Abya Ayala foram engendrados por Leopoldo Nogueira, mineiro de Belo Horizonte cuja história foi contada na edição 3 da revista. Leopoldo tem artes de menino-artista-velho-amoroso, e certamente é uma dessas almas capazes de compreender Catatau. Digite “Catatau UFSC” no You Tube e conheça o mais famoso cão da América Latina. Catatau tem um blog: <http://fabulemicas.blogspot.com/>

Assine Pobres & Nojentas

5 edições (bimestral): R\$ 23,00
(estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil

nº 618-714-5, agência 0016-7

- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



Réquiem

Por Fernando José Karl, de Curitiba

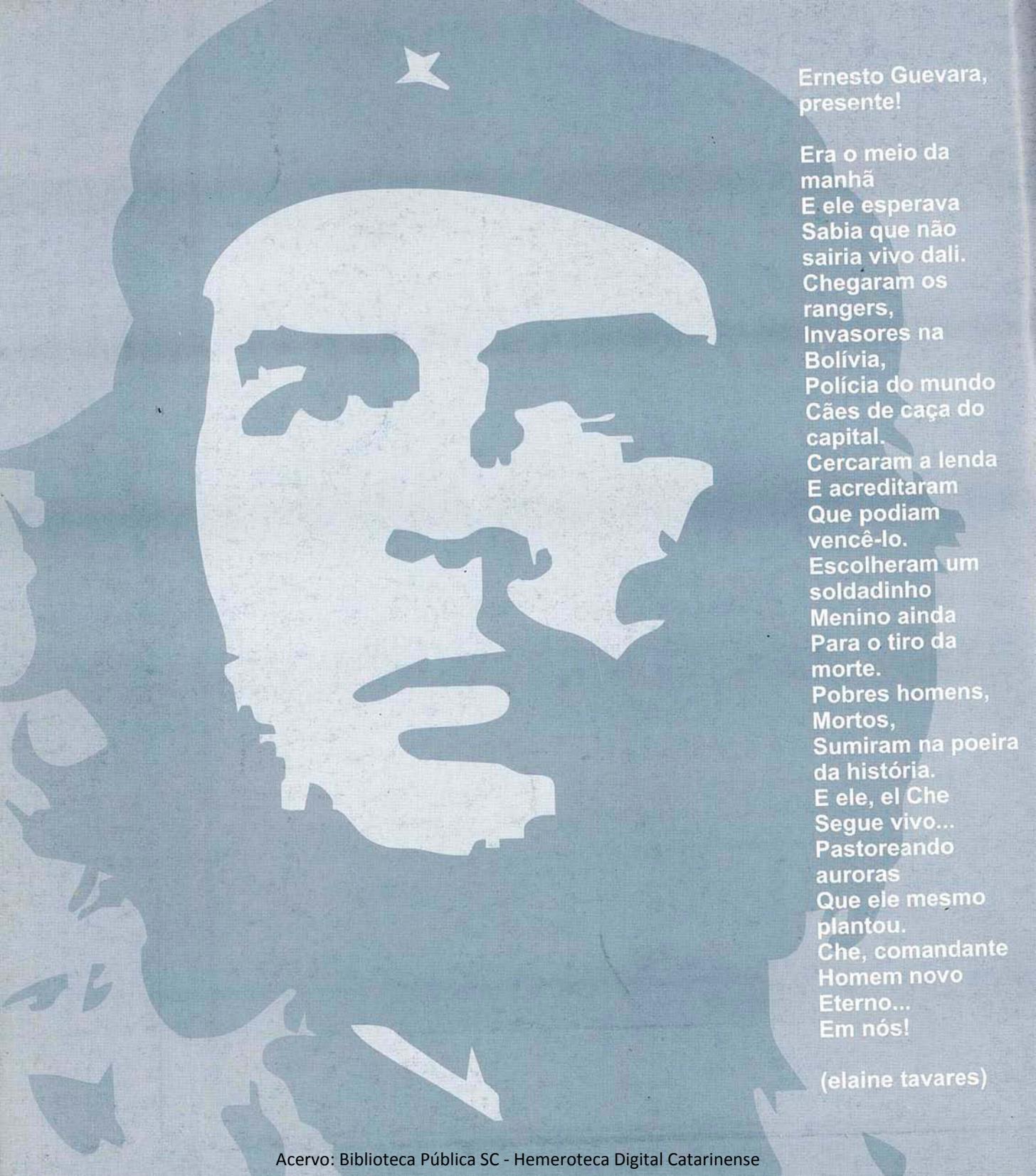
Para enxugar o sono do enfermo,
materializo estrela e vento, lavo louça
entre sombras do quintal abandonado.
E é pedra gigantesca no peito o sono do enfermo,

se o acoisa a esfera bravia de inexistir,
e ele, mesmo sendo contrário a isso,
tem – agora – que cuidar de outras luzes,
sob um outro céu, céu sem palavras

ou história pessoal, sol na face, peixe perdido,
porque o enfermo morreu faz uma hora, sem carícia, café,
sem música, sonho, sem uvas, sem Deus,

porque para o enfermo bastaria um pano
de linho trançado com aroma de infância,
bastaria um pano que lhe enxugasse a morte.

POEMA



Ernesto Guevara,
presente!

Era o meio da
manhã
E ele esperava
Sabia que não
sairia vivo dali.
Chegaram os
rangers,
Invasores na
Bolívia,
Polícia do mundo
Cães de caça do
capital.
Cercaram a lenda
E acreditaram
Que podiam
vencê-lo.
Escolheram um
soldadinho
Menino ainda
Para o tiro da
morte.
Pobres homens,
Mortos,
Sumiram na poeira
da história.
E ele, el Che
Segue vivo...
Pastoreando
auroras
Que ele mesmo
plantou.
Che, comandante
Homem novo
Eterno...
Em nós!

(elaine tavares)